

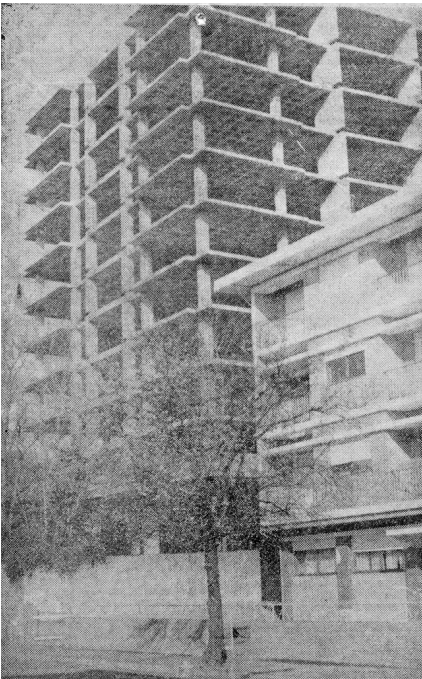
**CAIXA DE PREVIDÊNCIA
PORTO 1973**



CAIXA DE PREVIDÊNCIA

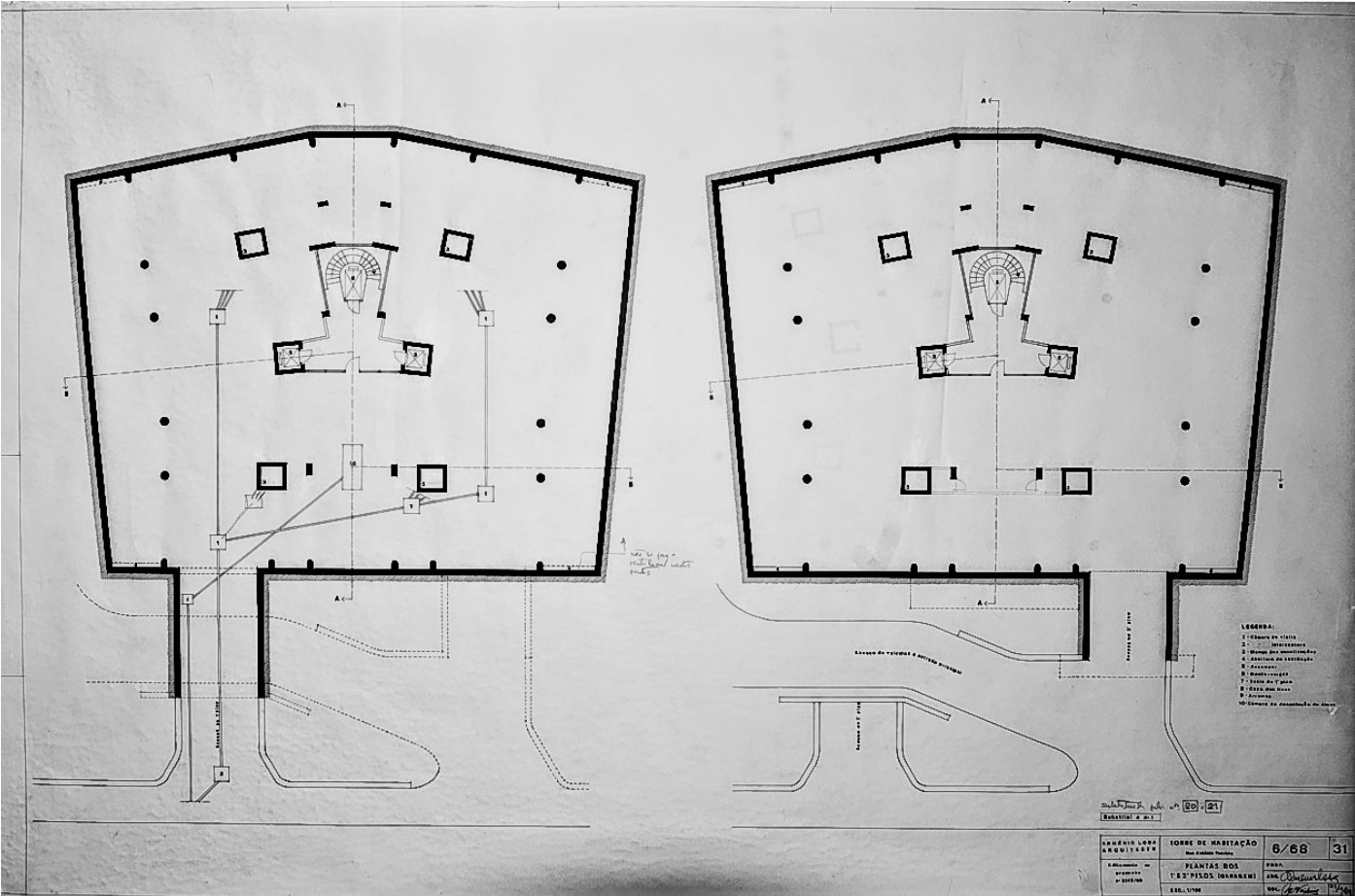
1973
PORTO

COM
Arménio Losa
Beatriz Madureira



Estrutura pré-existente, recorte de jornal da época (1972)

Planta das caves, projecto de Arménio Losa (acervo pessoal de AMF)



Na cidade do Porto, paralelamente à avenida da Boavista, na rua de António Patrício, encontramos o Edifício da Caixa de Previdência. Esta obra é um caso exemplar da reconversão de uma estrutura pré-existente abandonada, um problema actual e intemporal das nossas cidades, que nós arquitectos temos muitas dificuldades em resolver.

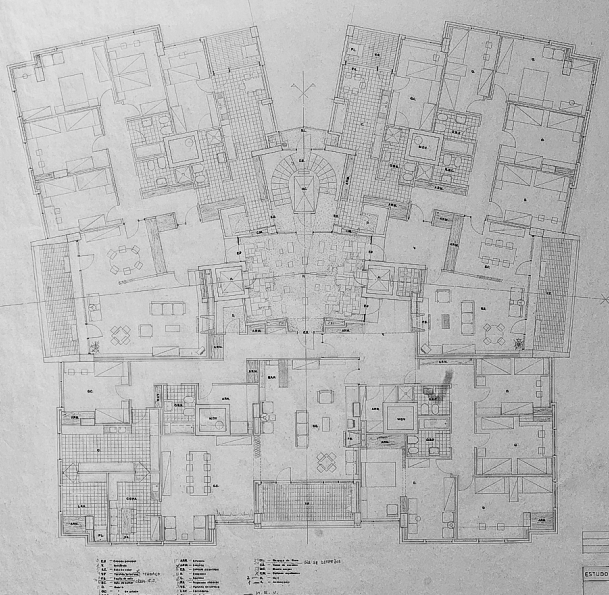
A estrutura inicial desta torre é da autoria do arquitecto Arménio Losa, projectada para habitação, mas que acabou por não ser concluída, pois os seus promotores, os Engenheiros Associados, consideraram que a procura por este tipo de habitação já não justificava o investimento, ficando então o estaleiro ao abandono durante muito tempo. Seria necessário encontrar novo destino para esta mega estrutura. Várias hipóteses estiveram em cima da mesa, uma delas foi alojar a sede da Polícia Judiciária, mas a solução escolhida foi acolher a sede distrital da Caixa de Previdência.

O projecto inicial previa dois pisos em cave, um piso térreo, onze pisos de habitação e um piso técnico na cobertura. A cave respondia à necessidade de estacionamento, estando ligada à rua por duas rampas. O piso térreo era elevado em relação à rua. O seu acesso previa entrada e saída de passageiros por automóvel através de uma rampa com espaço suficiente para retorno no lado poente do terreno, algo muito requintado para a altura. Os peões acediam por outra entrada, a nascente, através de um caminho rasgado por entre um espaço verde. O programa

deste piso agrupava vários espaços reservados ao condomínio, nomeadamente uma sala de recepção, uma sala de jogos, uma sala de repouso, sanitários de apoio, dois elevadores de quatro pessoas, um monta cargas e duas casas do lixo. O piso tipo que se repetia nos onze pisos, incluía três habitações de áreas muito generosas cujos acessos agrupavam-se à volta de um espaço central que contactava a norte com uma grande escada em caracol, iluminada por um grande janelão e que envolvia o monta-cargas.

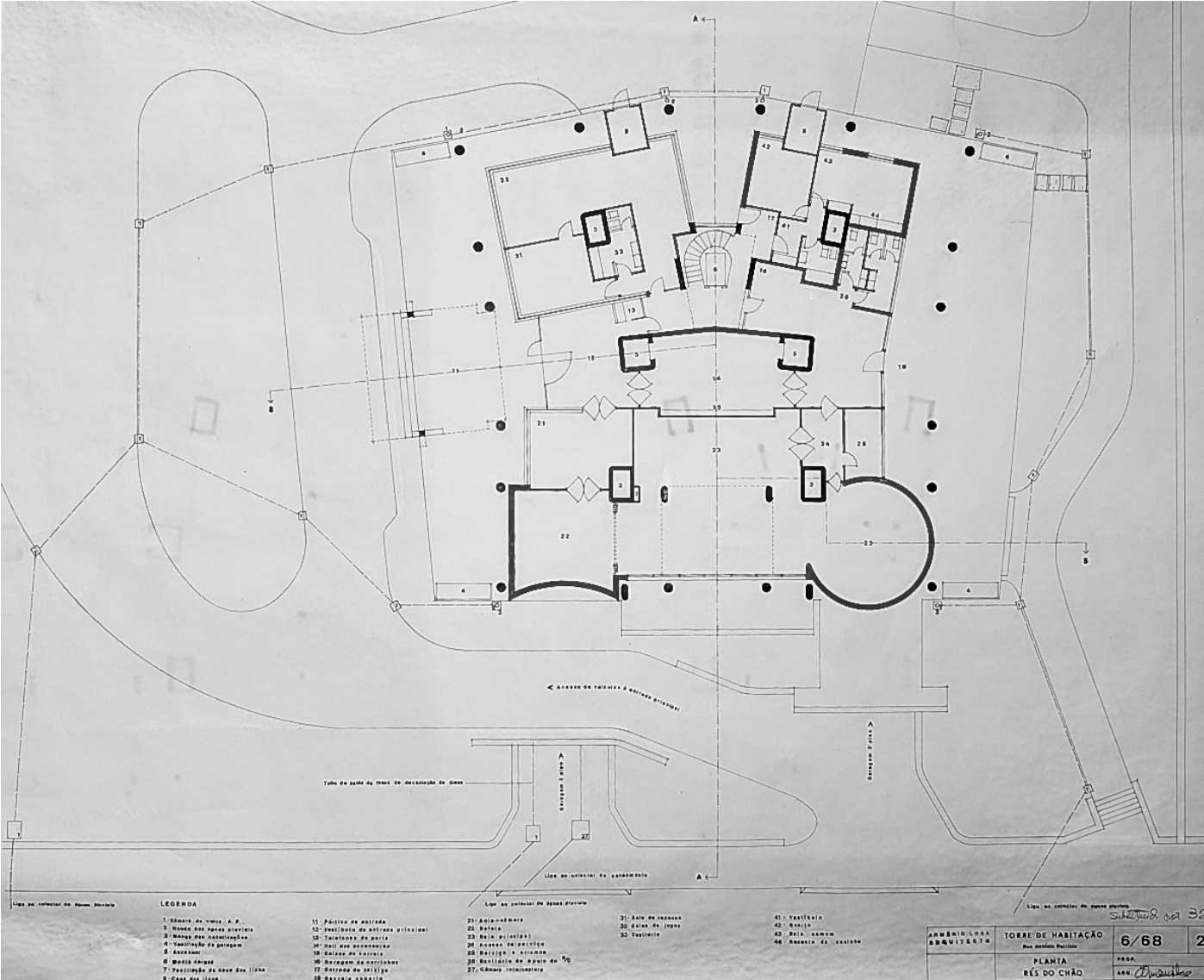
Matos Ferreira foi convidado pelo arquitecto Arménio Losa, com quem já tinha trabalhado, a reconverter esta estrutura habitacional num edificio público de serviços. Segundo as suas palavras, este foi o primeiro projecto de grande escala e com muita visibilidade na cidade que lhe passou pelas mãos enquanto arquitecto.

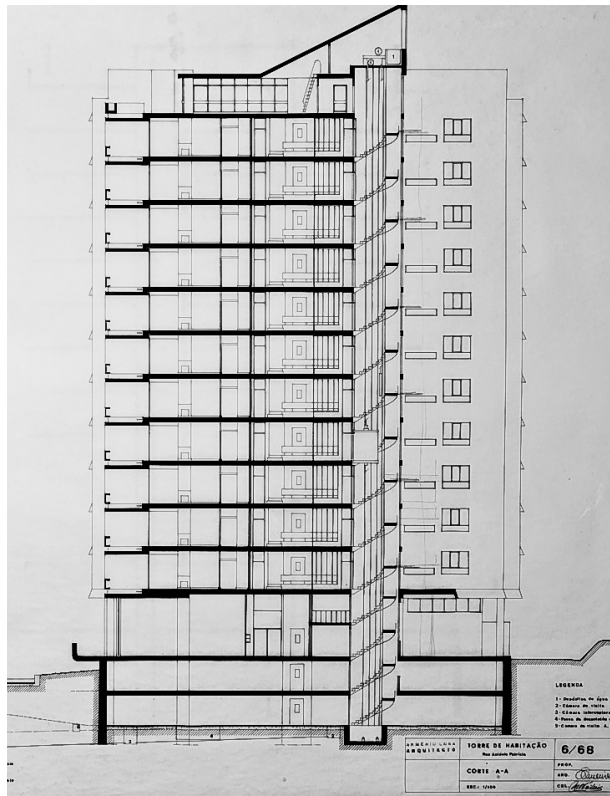
Olhando para as plantas da proposta inicial, a forma era irregular, semelhante a um Y. Os pisos tinham bastantes recortes, os alçados tinham diversas saliências, muitos avanços e recuos visíveis nas lajes nomeadamente junto às janelas. Os acessos eram amplos para um programa de habitação, mas para um



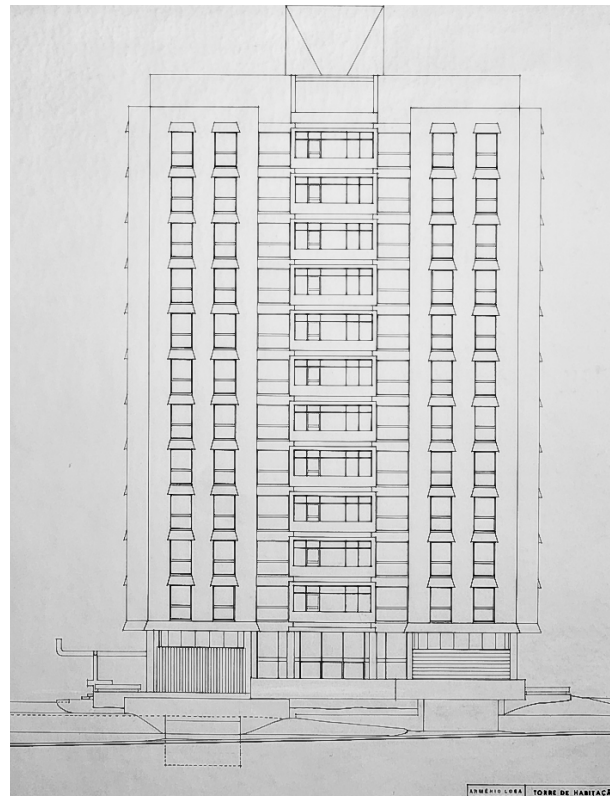
Planta do piso tipo, projecto de Arménio Losa (acervo pessoal de AMF)

Planta do piso térreo, projecto de Arménio Losa (acervo pessoal de AMF)

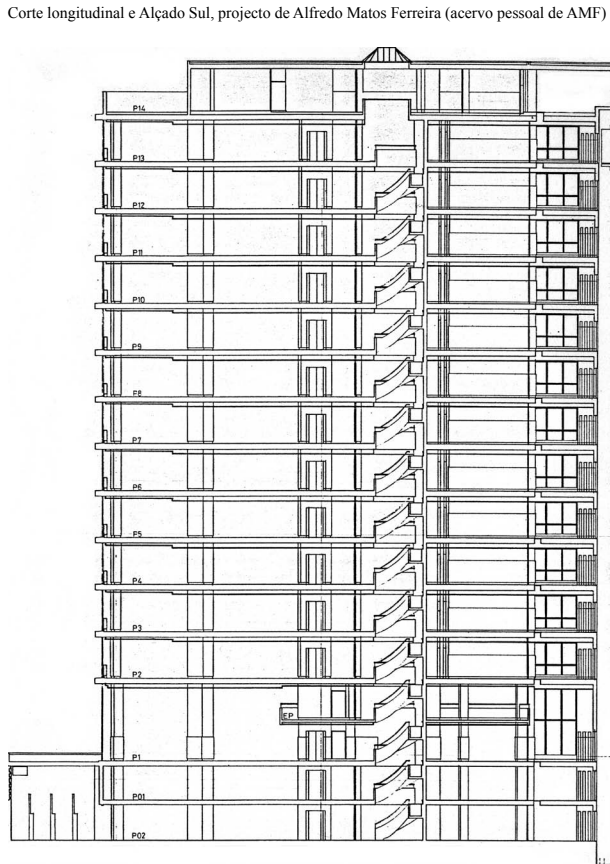




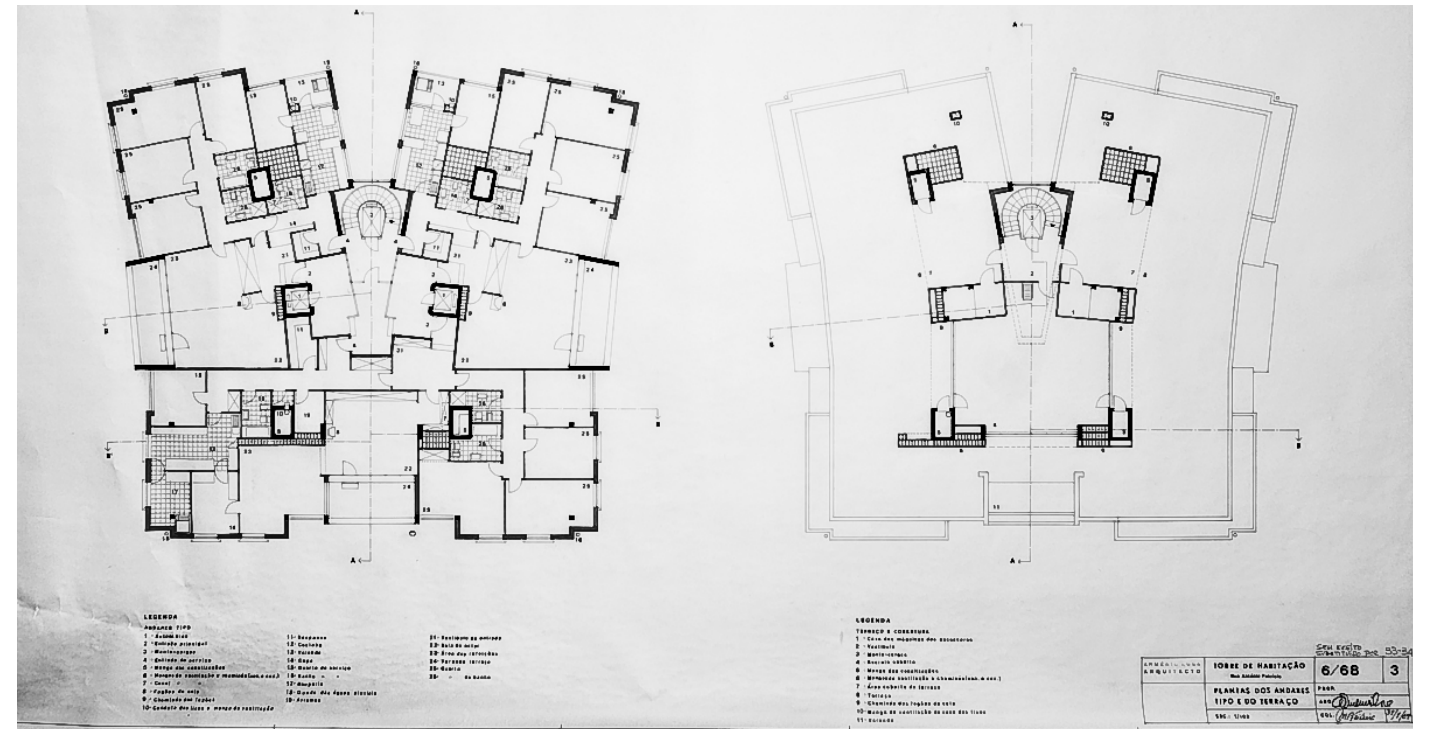
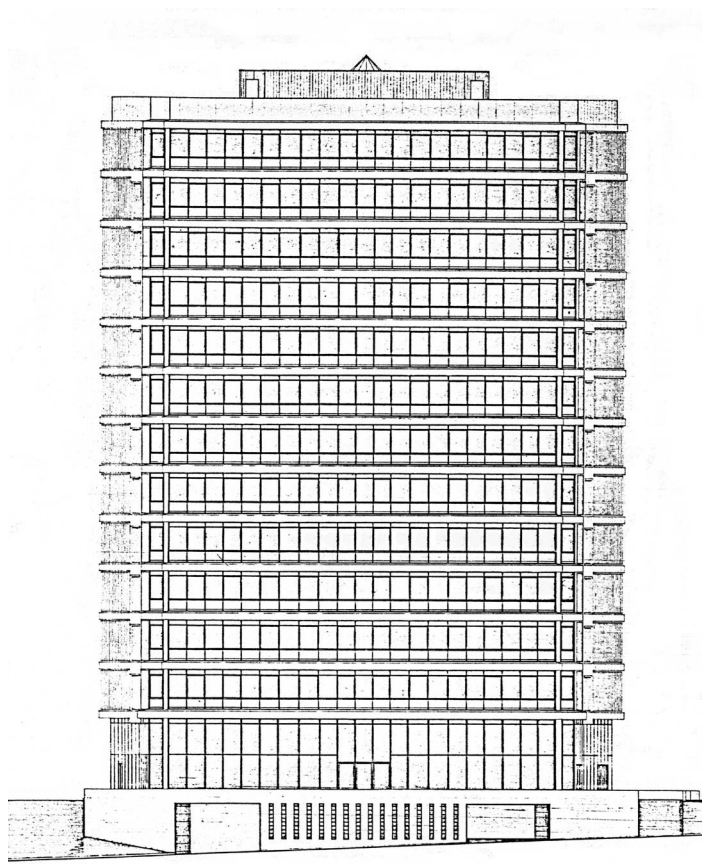
Corte longitudinal e Alçado Sul, projecto de Arménio Losa (acervo pessoal de AMF)



programa público, onde é necessário acolher uma grande quantidade de utentes, eles não eram suficientes. A Caixa de Previdência propunha, caso houvesse possibilidade técnica, de acrescentar mais dois pisos para escritórios, espaço reservado a maquinaria de tratamento do ar interior e novos acessos. Estudou-se em primeiro lugar os cuidados a ter para garantir o aumento dos dois pisos de escritórios e calculou-se uma cobertura com resistência suficiente para albergar todas as maquinarias de AVAC. A estrutura pré-existente possuía quatro grandes condutas verticais por onde passariam infra-estruturas. Era constituída por pilares de betão armado e lages fungiformes, um tipo de estrutura que permite uma maior liberdade na disposição dos elementos verticais e uma grande resistência horizontal. Pelas suas características de raiz, esta estrutura foi uma mais valia, pois permitiu satisfazer a vontade ao dono da obra, com o acréscimo dos pisos necessários,



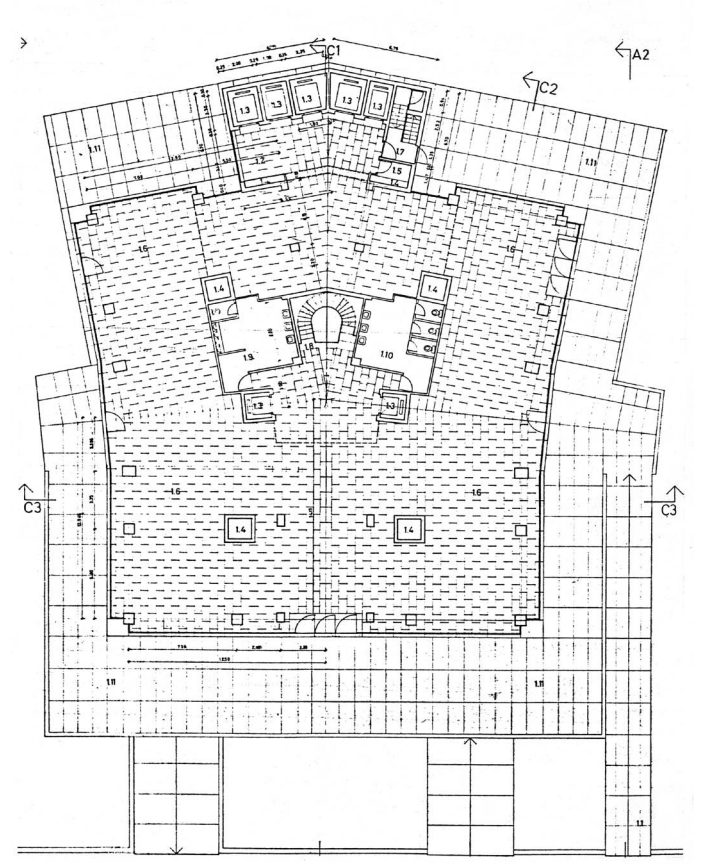
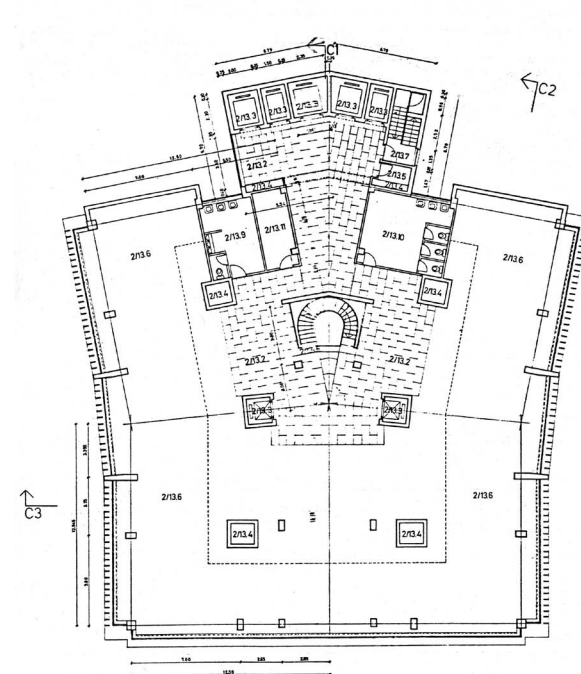
Corte longitudinal e Alçado Sul, projecto de Alfredo Matos Ferreira (acervo pessoal de AMF)



Planta do piso tipo e da Cobertura, projecto de Arménio Losa (acervo pessoal de AMF)

realizando pequenas alterações e permitindo a disposição ampla, livre e organizada dos espaços de trabalho.

Ao mesmo tempo encontrou-se o espaço para os novos acessos que agora incluem cinco elevadores e uma escada enclausurada que, em caso de incêndio, proporciona a evacuação dos utentes em segurança. Esta solução foi inovadora em Portugal tendo em conta as exigências da legislação em vigor, pois ainda não existia Regulamento de Segurança Contra Incêndios (a legislação em vigor era o RGEU, Decreto-Lei n.º38382/51, de 7 de Agosto, com os aditamentos feitos pelo Decreto-Lei n.º45027/63, de 13 de Maio) e este tipo de preocupações só eram visíveis nas grandes torres feitas pelo Movimento Moderno, nomeadamente nos Estados Unidos, em obras que foram objecto de estudo, tal como referiu o autor numa entrevista que me concedeu: “... *Afachada Norte foi a que levou aquele corpo novo de acessibilidades, caixas de elevadores, escada. Estudámos as escadas que eram utilizadas na altura naqueles edifícios altos nos Estados Unidos, como é que elas eram traçadas, se tinham*



Planta do piso térreo e do piso tipo, projecto de Alfredo Matos Ferreira (acervo pessoal de AMF)



portas nos patamares intermédios dos pisos, se não tinham, como é que eram as portas, a questão de segurança...” (biogr.1.2).

Estes acessos verticais ficaram contidos num volume cuneiforme que aproveitou a grande reentrância existente na estrutura anterior, criando espaço suficiente para acolher um grande número de pessoas durante a espera pelos elevadores. Ao aproveitar este espaço para o acolhimento dos utentes, os elevadores e a nova caixa de escadas teve de ultrapassar os limites da implantação anterior ficando uma saliência para o lado norte do volume, que entretanto se prolongou até à cobertura ganhando maior presença na composição geral. A forma de inserir essa cunha ao volume anterior foi encontrada pelo seu prolongamento longitudinal na cobertura, ancorando as paredes que moldam a clarabóia da escada em caracol, anteriormente tapada pelo acesso à maquinaria do monta-cargas, e prolongando-a através de uma laje, que permite a protecção das máquinas de AVAC.

Para Alfredo Matos Ferreira um edifício deve respeitar três princípios essenciais que são: *a simplicidade formal, a economia de meios e a clareza na organização dos espaços*. Ora, a reconversão deste edifício é o exemplo disso. Relativamente à simplicidade formal, segundo as suas palavras *era importante fazer uma “liftagem” em toda a periferia do edifício, limpar as irregularidades de modo a unificar e simplificar o desenho das fachadas*. Foi necessário fazerem-se cortes e acrescentos à estrutura de betão. Novamente a equipa dos Engenheiros Associados desempenhou um papel importantíssimo pois conseguiu calcular e homogeneizar todas essas operações. Para as fachadas Poente e Nascente criou-se uma pele com lâminas verticais, quebra-sois reguláveis, assentes numa peças pré-fabricadas em betão que assentam nas testas das lajes e percorrem toda a periferia da fachada com excepção do lado Norte. Estas peças em L, além de ocultarem os cortes e remendos feitos na estrutura pré-existente de betão, permitiram uma rápida montagem das fachadas. Ao mesmo tempo, a sua forma possibilitou fazer a impermeabilização da periferia do edifício e organizar uma conduta horizontal de distribuição de cabos por todos os postos de trabalho. A solução realizada foi testada previamente à escala natural e revelou-se muito eficaz. Ela permitiu controlar a entrada da luz do sol, diminuindo as necessidades energéticas com aquecimento, arrefecimento e iluminação dos espaços de trabalho, uma preocupação actual que devemos ter obrigatoriamente ao projectar. Além disso ela cumpriu o seu propósito estético que foi homogeneizar o desenho das fachadas, agora bem diferentes da solução anterior.

O resultado final foi uma torre onde se podem distinguir dois acontecimentos distintos que vivem em sintonia. De um lado estão as zonas de trabalho, que dão aos alçados Nascente, Sul e Poente uma enorme leveza e unidade, compostas pelos *brise-soleil* verticais e pelos envidraçados. Do outro lado, no alçado Norte estão os espaços de circulação vertical e as zonas técnicas (na cobertura), que se encerram num volume maciço. A forma irregular da sua base tem na sua totalidade aproximadamente trinta e três metros de largura por trinta e sete metros de profundidade.







Imagens do piso térreo



A volumetria do edifício continuou recuada relativamente ao alinhamento dos restantes volumes que constroem a rua. O espaço resultante desse desalinhamento manteve-se para a colocação de rampas e escadas que servem o acesso dos peões ao piso da entrada, que se manteve a uma cota mais elevada e ainda de um posto de transformação.

Esta torre destaca-se principalmente pela diferença de altura relativamente às restantes edificações, pois a rua de António Patrício é caracterizada maioritariamente por habitações entre os três e cinco pisos. Os seus imponentes cinquenta metros de altura comportam duas caves, um piso térreo, doze pisos e um piso técnico na cobertura. A cave manteve-se com o estacionamento coberto, mas agora para viaturas dos funcionários e executivos que aqui trabalham. Cada piso tem dois metros e quarenta, de altura útil.

O piso térreo, perdeu a compartimentação que tinha e passou a ser um *open space* onde se faz o atendimento ao público. Recebeu duas baterias de casas de banho que enclausuram parcialmente a escada central em caracol. É um espaço envidraçado em toda a sua periferia Sul, Nascente e Poente e tem um pé direito duplo, com cinco metros de altura na zona compreendida entre os envidraçados e as baterias das casas de banho. Na restante área tem um *mezanino* com metade da altura deste grande espaço. No seu lado Norte o piso térreo é encerrado para o exterior. Entre a escada em caracol e o conjunto dos novos acessos verticais existe agora um espaço de espera e de recepção para os funcionários e utentes.

Os doze pisos de escritórios têm dois



metros e oitenta de altura, os espaços de trabalho concentram-se na periferia dos envidraçados e no centro e norte encontram-se as acessibilidades. O piso técnico na cobertura arruma as maquinarias de AVAC cobertas por uma laje com três metros e sessenta de altura que junta a grande clarabóia (últimas imagens pág.95/96), que agora ilumina a caixa de escadas central, ao volume saliente das circulações verticais a Norte.

Apesar do contraste exagerado da altura que este edifício provoca na rua, esta torre revela o génio e a mestria de um arquitecto perante a reconversão de uma estrutura existente. Propositadamente aligeirou o seu peso, deu-lhe uma nova imagem e *reeducou-a* para desempenhar uma nova função. Em suma, tornou uma estrutura pesada e abandonada num elemento de referência, gerando aquele que considero ser um caso de estudo exemplar na área da reconversão arquitectónica.

Créditos das imagens e desenhos:
Todas desenhos deste capítulo são originais do acervo do arquitecto Alfredo Matos Ferreira. As fotografias são todas da minha autoria, com excepção das pág. 82/83 (fonte Google Maps) e das pág. 91, 92, 93 (do acervo do autor).



